



Cliford

O SEM MAGIA

WWW.LUCYDEIDEVIANART.COM

YN
YUE
NIKIDOROV

Eu sabia que ele seria minha ruína
desde o momento em que o vi.

Juan Neves

Clifford

O SEM MAGIA

*Eu sabia que ele seria minha ruína
desde o momento em que o vi.*

Juan Neves

importante

Essa não é a versão final da história, irei aprimora-la e trazer com mais detalhes um pouco mais para frente. Essa é apenas a versão resumida e curtinha da história, apenas para retirar o conteúdo da minha cabeça e da vida aos personagens.

Boa leitura!

sumário

1. Capítulo um.
2. Capítulo dois
3. Capítulo três.
4. Capítulo quatro.
5. Capítulo cinco.
6. Capítulo seis.
7. Capítulo sete.
8. Capítulo oito.
9. Capítulo nove.
10. Capítulo dez.
11. Capítulo onze.
12. Capítulo doze.

Capítulo um.

O amor chega para todos, mas apenas permanece com aqueles que têm sorte, e bem, eu não sou exatamente um cara de sorte.

Era verão, eu havia acabado de voltar de mais uma noitada. O sol já brilhava intensamente no céu, e eu não estava exatamente ansioso para enfrentar qualquer repreensão dos meus pais, que estavam na sala. Tentei pensar em diversos feitiços para me tornar invisível, mas minha mente estava confusa e meus pés tropeçavam, eu nem conseguia segurar minha varinha direito.

"Gusta", meu pai me chamou, sua voz soava cansada, e era evidente que ele não havia dormido durante a noite.

Se naquela época eu soubesse tudo o que estava por vir, eu o teria abraçado. No entanto, optei por me sentar na poltrona, mantendo uma certa distância daqueles que me criaram.

"Filho, precisamos conversar com você", a voz da minha mãe era doce e sutil. Embora eu não me lembre mais exatamente de como ela soava, recordo-me claramente de que, toda vez que eu me machucava, era a sua voz que me confortava.

"No momento, não posso", respondi, pois naquela época eu era um tolo que acreditava que ter uma conversa com meus pais estragaria o dia.

Meu pai estava frustrado, eu sabia disso. Suas mãos se moviam incessantemente, ele tirava e colocava a aliança. Minha mãe sempre tomava as decisões, nunca ficando à sombra de um homem ou de qualquer outra pessoa. Ela sempre esteve lá por nós, e ninguém estava lá por ela. Sabíamos que ela era forte o suficiente para enfrentar um dragão enquanto pensava no jantar.

Ela retirou a varinha da manga rendada de seu vestido e disse: "Se há algo aqui, bem, eu não vejo". Não era um feitiço complexo - eu adorava usar feitiços complexos - mas ela tinha magia, e isso era o suficiente.

Embora eu não me lembre mais de sua voz, recordo-me perfeitamente da sensação de sua magia. Era como estar em um riacho em um dia extremamente quente, um pouco ácida, mas ao mesmo tempo doce. Era como se uma agulha perfurasse meu dedo por um instante.

Percebi naquele momento que o assunto era sério. Minha mãe nunca usava sua magia em nós, a menos que fosse necessário.

"O que aconteceu?"

"Um Cliford foi removido da linha de sucessão", disse meu pai, trazendo o assunto à tona.

Nessa altura, todos já haviam ouvido falar sobre isso, criado teorias e conspirações sobre o motivo pelo qual Draco Eleanor Cliford havia sido deserdado da família mais poderosa do mundo. Sua linhagem era composta por bruxos e feiticeiros poderosos, capazes de mover o mundo de acordo com sua vontade. O fato de um deles ter sido excluído da sucessão intrigava mais da metade da população.

"Sim, disso eu estou ciente. Mas o que temos a ver com isso?" perguntei.

"Essa é a nossa oportunidade", meu pai sorriu satisfeito.

"Enviei uma carta aos Cliford's", minha mãe começou, "disse que você estaria indo para lá para finalizar alguns acordos e perguntei se você poderia ficar hospedado lá por um tempo."

Vi um sorriso malicioso se formar nos lábios do meu pai, e eu o imitei. Se eu pudesse prever o que estava por vir, jamais teria sorrido daquela maneira, nunca teria concordado com qualquer coisa que meus pais propusessem.

"Eles acabaram de responder", meu pai comemorou.

"Você partirá para lá amanhã de manhã", minha mãe disse.

Não contestei. Ouvi cada detalhe do plano com um sorriso no rosto. Fiz algumas sugestões que tornariam tudo ainda melhor. Em seguida, arrumei minhas malas e parti para a Geórgia. Afinal, eu precisava destruir uma família.

Capítulo dois.

Quando somos jovens, tudo o que desejamos é ser amados e amar. No entanto, somos jovens demais para compreender o verdadeiro significado dessa palavra, que, apesar de pequena, carrega um peso enorme. Eu não era diferente dos outros jovens, ansiava por amar e ser amado. Afinal, é isso que todos nós queremos, não é mesmo?

Apesar de ser verão, o dia estava nublado e o vento agitava as árvores. Na época, eu pensava que aquilo era o tempo prevendo a queda dos Cliford's, o pobre tolo que eu era.

Eles eram conhecidos, apesar de sua magia ser cortesã. Um carro com o mordomo e guardião dos segredos mais obscuros veio me buscar. Ele não fez perguntas, apenas me ofereceu uma dose de whisky do jeito que eu gostava. Nesse momento, percebi que eles sabiam exatamente quem eu era.

A propriedade ficava afastada da cidade, e nenhum deles estava presente. Era perfeito para vasculhar a casa, que era antiga e aparentemente não possuía câmeras além dos guardas que patrulhavam o local. Seria fácil enganá-los, mas decidi ficar quieto no quarto que me foi destinado.

Passei a tarde inteira ali até que ouvi a porta se abrir. Desci os longos degraus e vi uma garotinha parada, logo atrás dela estavam Agnes e Draco. Eles pareciam pálidos demais, como se nunca tomassem sol. Draco estava no canto, com as mãos nos bolsos do terno alinhado. Sua roupa escura combinava com seus cabelos castanhos, deixando-o ainda mais apagado, como uma mobília velha que fazia parte da decoração.

"Olá, eu sou Gusta", disse, e naquele momento percebi que a pessoa que eu realmente estava interessado nem havia percebido minha presença ali.

"Olá, sou Agnes Cliford", ela estendeu a mão. Era fria e composta por dedos longos e finos.

Agnes, ao longo de sua vida, sempre foi uma mulher alta e magra, com uma beleza indescritível. A partir de onde estou agora, não tenho notícias dela, mas sei que ela deve ter um futuro glorioso.

Draco permaneceu no canto, distante. Sempre parecia estar perdido em seus pensamentos.

Só o vi novamente quando ele chegou atrasado à mesa de jantar. Seus cabelos era um pouco abaixo da orelha, presos em um pequeno coque. Ele se sentou ao meu lado enquanto se desculpava. Por baixo da mesa, ele limpava as mãos sujas de terra com um pano.

Questionei por que ele não usava magia para fazer isso. Era um feitiço simples, algo que eu aprendi aos três anos de idade. Era só dizer "limpa, limpa agora e limpa tudo", nada muito complexo. Por que ele não havia usado?

Era para isso que eu havia ido descobrir. No entanto, hoje eu preferiria nunca ter me aproximado daqueles que gostam de criar fins para dar início a um novo começo, fazendo tudo o que eles queriam.

Quando crescemos, acreditando que podemos ter tudo. O "não" se assemelha a uma ofensa, e quando você tem poder suficiente para transformar o "não" em um "sim", você tem o mundo aos seus pés. E se não gostar, você acaba com tudo e cria algo novo.

Existem várias memórias das quais não tenho certeza se são reais ou se são apenas a minha mente brincando com a minha dor. No entanto, tenho absoluta certeza de que essa é real.

Draco caminhava pelos corredores, seus punhos cerrados. Ele sempre sabia quando alguém o seguia ou o observava. Certa vez, perguntei a ele como ele sabia, e ele apenas riu e continuou andando à minha frente. Outra coisa que ele gostava era que as pessoas andassem dois passos atrás dele, pois quando ele estava em família, era ele quem caminhava atrás dos irmãos, sempre ficando para trás.

"Posso ajudar em algo?" ele disse, sua voz era como um eco em uma imensa escuridão.

"Queria falar com você."

"Sobre o que?"

"Não sei, apenas uma conversa informal."

"Desculpe, não tenho tempo para uma conversa informal."

Ele entrou em seu quarto e trancou a porta. Fiquei mais uma hora assimilando o que acabara de acontecer antes de voltar para o meu quarto.

Capítulo três.

Quando amamos alguém, isso nos transforma. Podemos até dizer que nunca mudaríamos por ninguém, mas a verdade é que o amor é tão complexo que nos faz nos moldar, nos transformar naquela pessoa que, no final das contas, nos deixará. Nenhum amor é eterno, isso eu sabia, certo?

Já havia se passado um mês desde então. Meus pais me pressionavam por notícias em cada carta, mas Draco me evitava na maior parte do tempo, e quando falávamos, era de forma formal.

Eu o observava pela janela, sempre acompanhado por Oliver, o mordomo, enquanto se dirigia a uma das estufas. Um dia, coloquei uma cadeira de frente para a janela e fiquei ali, apenas esperando. Draco passava o dia inteiro ali, evitando falar comigo, e isso me incomodava.

Por mais que eu tente negar, minha família era superior às outras. Talvez não no nível dos Cliford's, mas ainda assim, éramos superiores. Eu nunca estava acostumado a ouvir um "não". Se eu queria algo, era aquilo que eu teria. E aquele maldito Cliford estava me dizendo "não". Éramos duas potências fortes, eu não poderia fazê-lo se curvar e pedir perdão, mas eu, com certeza, me curvaria e pediria perdão a ele.

Desci os degraus em um dia no fim de tarde, passei pelas palmeiras e até chutei uma pedrinha, mas não entrei na estufa. Esperei até que ele saísse. Sua voz se aproximando era suave e sutil, o céu já estava adornado com estrelas.

"Draco", seu sorriso desapareceu ao me ver.

Tenho que admitir, era um belo sorriso. Seus dentes eram brancos e perfeitos.

"Senhor, em que posso ajudar?" Oliver se posicionou ao lado de Draco, mas logo deu dois passos para trás.

"Queria falar com você."

"Já não falamos o suficiente?" Era óbvio que eu havia acabado com sua diversão.

"Não", segurei seu pulso em minha mão, "você tem me deixado intrigado."

Havia uma mistura de surpresa e raiva em seus olhos verdes. Eu queria que ele usasse sua magia para me atingir, queria senti-la.

"Me solte, por favor", foi tudo o que aquele cretino disse.

"Não, vamos conversar", também queria que ele sofresse com o meu não.

Draco sempre soube controlar suas emoções com um sorriso leve e um aceno de cabeça. Ele aprendeu com a mãe, ele gostava da mãe, talvez fosse o único familiar que ele realmente gostasse.

Ele tentou puxar a mão, e eu deixei minha magia se manifestar um pouco. Ele sentiu sua potência e ficou paralisado.

Pensei que havia vencido. Minha magia borbulhava dentro de mim, prestes a abrir um sorriso, quando ele puxou a mão de volta. Minha magia saiu do controle e fez um corte em sua bochecha. Sangue escorria enquanto ele me olhava com indignação.

"Desculpe!" Disse, tirando o lenço do meu terno e estancando o sangue. Eu sabia um feitiço de cura, mas, no entanto, eu queria tocá-lo. "Perdão, perdão", e assim Draco soube que havia vencido, eu havia me curvado a ele.

"Senhor Blossom, não me toque, a menos que eu permita", ele tirou minha mão como se fosse um inseto repugnante, usando apenas as pontas dos dedos. "Não se preocupe, sei como fazer isso desaparecer."

Era mentira, ele não tinha a menor ideia. No jantar daquele dia, ele ainda tinha o corte. Sua mãe o questionou sobre o que era aquilo, e ele apenas sorriu levemente e disse: "Machuquei-me em um espinho de rosa". Eu era a rosa.

Saber disso me deixou feliz.

Capítulo quatro.

Já ouvi dizer que o amor anda lado a lado com o ódio, mas já parou para refletir que o ódio também pode se transformar em amor? O ódio e o amor têm uma conexão peculiar, pois muitas vezes acabamos amando aqueles que inicialmente odiamos, nem que seja um pouco, e também podemos ter um pequeno sentimento de ódio em relação às pessoas que amamos.

Passaram-se semanas desde que arranhei o rosto de Draco. Eu não passava muitas noites na mansão, preferindo passar meu tempo em bordéis, envolvendo-me com prostitutas e, quando estava entediado, com os barmen. Não é por mal, mas sempre fui considerado atraente, e todos caíam sob meu encanto.

Era uma terça-feira, com ameaça de chuva em Georgia. Eu odiava as terças-feiras.

"Senhor Blossom", Oliver me chamou assim que entrei.

Não gostava de falar com ele. Oliver se considerava parte da família, mas ele era apenas um funcionário, um criado. Ele recebia seu salário e se achava superior a todos.

"Diga", minha voz soava arrastada. Eu adorava beber, enquanto Draco odiava o motivo pelo qual as pessoas bebiam, odiava o gosto das bebidas e repugnava a ressaca.

"Senhor Draco quer falar com o senhor", ele me olhava como se eu fosse inferior a ele. Eu era um Blossom, afinal, quem ele pensava que era? "Mas acho melhor o senhor tomar um banho."

"Senhor?"

"O que?"

"Quero que me chame de senhor", eu disse, já entrando no corredor da biblioteca. "E se ele quer me ver, vai ter que me ver assim mesmo."

A biblioteca Cliford era enorme, facilmente alguém poderia se perder lá dentro. Havia milhares de livros sobre a história da família, assim como livros de outras famílias que não tinham relação com os Cliford's.

"Me chamou?"

Ele olhava pela janela, vestindo suas roupas pretas e um lenço que cobria metade de seu rosto.

"Quero que cure o que fez."

"Achei que você soubesse fazer isso", disse com um sorriso irônico.

"É claro que sei, mas quero que você lide com as consequências", ele se virou.

Eu sabia que ele seria minha ruína desde o momento em que o vi.

Mas, mesmo assim, estava decidido que, se eu fosse morrer, morreria matando Draco.

"Conheço um feitiço, mas vou precisar fazer uma poção", menti. Na verdade, eu conhecia feitiços que nem precisavam do uso da voz.

"Faça do jeito que preferir, apenas tire isso do meu rosto."

Sentei-me em sua frente e fiz questão de remover seu lenço. Ele tinha um cheiro agradável, enquanto aplicava a poção em sua pele, sentindo sua maciez.

Capítulo cinco.

É verdade que muitas vezes nos preocupamos com coisas fúteis do presente, mas é importante lembrar que um dia não seremos tão jovens, e ter alguém com quem compartilhar a velhice pode ser algo maravilhoso.

Passaram-se alguns dias e eu acompanhava Draco em seus chás da tarde. Ele sempre estava com um livro verde em mãos, enquanto eu contava minhas aventuras sem ter certeza se ele estava realmente ouvindo. Em um dia, parei no meio da história e ele me olhou por cima do livro, perguntando: "O que Amélia disse a você depois que você a ignorou?". Sorri e ele fez o mesmo, sem mostrar os dentes, e eu continuei a história.

Naquele final de semana, sete carros deixaram a mansão. Os membros da família sempre iam separados para os lugares, caso algo acontecesse com um deles, e além dos carros deles, havia também os carros dos seguranças.

Draco tinha apenas dezesseis anos e não sabia dirigir, então me ofereci para levá-lo. A essa altura, eu já havia percebido que ele não confiava em muitas pessoas, nem mesmo em seus próprios pais.

Minha missão era descobrir o que estava acontecendo, mas ele era tão irredutível, sempre dando respostas vagas e evasivas. Ele gostava de criar um eco em nossas mentes.

A casa de campo dos Cliford's não ficava longe da cidade, mas tenho quase certeza de que eles a escondiam com magia dos mapas da cidade.

Aquela tarde foi tranquila. Eu não bebi, pois Draco não gostava, e eu queria agradá-lo.

Ele, como sempre, estava com seu livro em mãos, enquanto eu deitava na grama, com o sol banhando meu ser.

Aquela era a primeira vez que eu o via sem roupas pretas. Ele usava uma calça creme e uma camiseta branca de botões, alguns deles abertos.

E foi ali, naquele momento, que minha destruição começou. Não se aproxime de alguém que só pensa em se proteger, pois antes mesmo de você correr, essa pessoa já terá entregado você.

Me peguei pensando como Draco seria sem aquela camiseta, como ele seria em um riacho, com o corpo inteiramente molhado.

Chacoalhei minha cabeça e ele riu.

"Formigas?", ele perguntou de maneira sutil.

Faz tempo que eu não ouço sua voz, ou qualquer voz na verdade, mas mesmo assim, ela se fez presente em minha mente. Não consigo deixar de escutá-la.

"Talvez", respondi, levantando e limpando a terra de minhas roupas. "Vou dar uma caminhada".

"Vou junto", ele disse, deixando o livro de lado e me acompanhando.

Fomos até as colinas e nos sentamos na grama, esperando o crepúsculo chegar. Ele disse que tinha algo para me mostrar.

As estrelas banhavam o céu e ele fez um feitiço, algo simples e nada complexo. Acho que era um feitiço para quando pessoas como nós começam a perceber o que são capazes de fazer.

Ele trouxe todos os vaga-lumes para perto de nós, com um movimento de dedo, eles rodopiaram ao nosso redor. Eu também movi meus dedos e eles voaram para cima e depois para baixo, iluminando todas as margaridas ao redor. Os olhos de Draco brilharam e eu queria levá-lo para além de uma supernova.

Ele se deitou na grama, com os olhos cansados e falta de ar. Perguntei o que havia acontecido e ele disse: "Estou apenas cansado da viagem e com fome". Em seguida, ele se levantou, desceu a colina e entrou em sua casa.

Ninguém nunca soube sobre aquilo, pois aquela família escondeu todas as evidências. Eles não gostavam de mostrar que sua segurança era falha. Naquela noite, acordei com o cheiro de queimado invadindo meus pulmões. Levantei achando que havia deixado a lareira acesa, mas na verdade era o campo que estava pegando fogo.

Ouvi sussurros maldosos de seres que não podiam andar sob a luz do dia. Fiquei em alerta, com minha varinha em mãos. Meu primeiro pensamento foi nele.

Corri para o quarto de Draco e o encontrei encolhido em sua cama, com cinco vampiros ao seu redor.

Capítulo seis.

As pessoas não são eternas, os sentimentos não são eternos, as memórias são duradouras, mas não para sempre. Um dia tudo chega ao fim, inclusive a dor do abandono.

Já havia eliminado três deles, restando apenas um que segurava o pulso de Draco, enquanto o outro avançava em minha direção.

Cravei minha varinha em seu peito, lançando um feitiço enquanto ela ainda estava dentro de seu coração, transformando-o em pó.

"Queime-o!" Gritei, mas Draco parecia confuso demais para entender.

Felizmente, ele sempre foi habilidoso em combate. Ele chutou o nariz do vampiro que o segurava, fazendo com que ele o soltasse, e correu até ficar ao meu lado.

"Por que você não usou sua magia?" Perguntei, enquanto pensava em algum feitiço. Como mencionei antes, adorava feitiços complexos.

"Eu não tenho magia!" Ele gritou, minha mente ficou vazia e eu o empurrei, saindo rapidamente da mira do vampiro. Draco chutou a espinha dorsal da criatura das trevas, e em seguida acertou em cheio o rosto do homem com o livro que ele nunca largava. "Gusta, ele não vai morrer sozinho".

"Há algum sol aqui?" A ponta da minha varinha brilhou, o vampiro se contorceu antes de se transformar em pó. "Como você não tem magia?" Perguntei enquanto ele me puxava para fora do quarto.

"Explicarei depois, apenas vamos sair daqui".

Foi por isso que ele foi excluído da minha sucessão. Draco não poderia participar da batalha final, ele não seria o Cliford que exibiria sua magia sob o eclipse de Eclý, sua magia não brilharia, pois ele não a possuía, não tinha acesso a ela.

Havia fogo e barulho por toda parte. Entreguei minha varinha a Draco e acendi uma bola de fogo em minha mão, enquanto a outra segurava a dele. Não encontramos nenhum outro Cliford enquanto saíamos da casa, o campo estava em chamas junto com a residência.

Alguns vampiros tentaram se aproximar de nós, mas eu os queimei.

Corri com Draco seguindo atrás de mim até voltarmos ao asfalto e não vemos mais fogo algum. Balancei minha mão para apagar o fogo, lembro-me de assustá-lo quando me virei e agarrei seus ombros.

"Como você não tem magia?" Disse a ele. "Você é um Cliford, seus pais são feiticeiros, Lian tem magia, você fez um feitiço na minha frente".

Seus olhos verdes carregavam olheiras enormes, percebi que além da minha varinha, ele também carregava aquele maldito livro verde. Tirei minha varinha de suas mãos. Ele parecia cansado, exausto.

"São muitas acusações. Eu tenho magia, mas não consigo acessá-la", um descendente de seres mágicos nunca nasce sem magia. "Ela era forte na minha infância, mas ao longo dos anos foi enfraquecendo, até que não consigo lançar feitiços sem me sentir exausto, como se tivesse corrido uma maratona".

"Esse é o motivo de você ter sido deserdado?"

Ele desviou o olhar.

"Estou falando com você!" Gritei. Eu sabia que era, só podia ser aquilo, mas eu precisava ouvir isso da boca dele.

"Um deles", ele voltou a me encarar. "Eu também me recusei a me casar com uma mulher".

"Por que seu lugar na linha de sucessão estava garantido".

"Gusta, não daria certo, eu não gosto de garotas". Para mim, sempre gostamos dos dois. Alguns garotos dizem gostar de garotas, mas amam mais o pai e passam mais tempo com os amigos do que com a esposa. Gostamos dos dois sexos, mas isso está adormecido em você, um dia ou outro você vai acabar se interessando por alguém do mesmo sexo.

"Não é possível!".

"Claro que é!".

Eu o beijei naquele momento, mas ele me empurrou. "Está louco?" Ele limpou os lábios.

"Vamos, precisamos nos esconder". Não esperei por sua resposta e o puxei.

Posso ter negado por anos, mas naquele momento eu já estava apaixonado por Draco. Eu deveria ter escrito uma carta aos meus pais no momento em que ele dormiu sobre o meu peito, mas fui fraco e tolo, achando que se precisasse, ele, assim como eu, me salvaria.

Fui um tolo apaixonado.

Me apaixonei pela minha própria destruição.

Capítulo sete.

Amar é uma escolha que nem todos estamos dispostos a fazer. No entanto, é importante lembrar que o amor é uma parte essencial da vida e pode trazer muita felicidade e realização.

Naquela manhã, quando o sol começou a nascer, levantei-me e percebi que Draco estava com uma aparência derrotada. Seus cabelos estavam bagunçados, suas roupas sujas e ele parecia não ter dormido bem.

Nós fomos até a estação de trem em silêncio. Lembro-me de ter pedido a Draco para me esperar na porta do banheiro enquanto eu usava um feitiço proibido para hipnotizar as pessoas. Peguei seu dinheiro e suas roupas. Naquela época, eu faria qualquer coisa por Draco, e foi exatamente o que fiz.

No início, ele relutou em usar uma camiseta da banda Led Zeppelin, mas não tínhamos outra opção, então ele a vestiu. Eu o vi sem camisa, seu corpo não era musculoso, mas mostrava potencial para se tornar mais definido com um pouco de exercício.

"Você está lindo, Draco", disse por impulso, mas foi bom vê-lo sorrir.

Decidi que não entregaria Draco aos meus pais. Eu inventaria qualquer mentira para protegê-lo.

E foi isso que fiz. Eu o protegi o máximo que pude.

Chegamos à mansão por volta das 16h. Os irmãos de Draco estavam todos na sala, cada um com um livro em mãos, como se nada daquilo tivesse acontecido.

Aquela dinâmica me deixava exausto. Ver Draco cansado me deixava exausto. Ele tinha uma grande influência sobre mim.

Capítulo oito

O amor é como um campo de margaridas em um dia nebuloso, as flores são levadas pelo vento e os raios destroem o solo, deixando apenas a dor.

Nessa altura, eu já estava profundamente envolvido com Draco, mais do que eu gostaria. Todas as noites, a porta de sua varanda ficava destrancada e eu me agarrava ao parapeito, lançando um feitiço em mim mesmo para alcançá-la.

Eu queria que ele tivesse sua magia de volta e estava fazendo de tudo para ajudá-lo. Enviei cartas e mais cartas, entrei em contato com amigos de minha família e lemos diversos livros juntos. Eu queria que ele se tornasse poderoso.

Às vezes, eu o deixava por alguns dias para procurar bruxos e feiticeiros que pudessem ajudá-lo. Meu coração doía de saudades. Desde a casa de campo, nunca estive na cama de mais ninguém. Minha alma já pertencia a Draco.

Uma vez, trouxe um amuleto dourado para ele. "Callioppe me garantiu que esse amuleto equilibraria e traria à tona o que há de bom em sua magia", eu disse, passando o cordão em volta de seu pescoço. Ele suspirou e deixou que eu o colocasse. "Isso está me deixando exausto", ele disse antes de tentar mover um livro. Para minha surpresa, ele conseguiu, mas logo apagou em seguida.

Quanto mais tentávamos, mais fraco ele ficava, e mais preocupado eu ficava. O que o mundo mágico poderia fazer com um Clifford sem magia? Essa família que arruinou o futuro de tantos outros, ele seria uma presa fácil, poderia ser capturado e usado como vingança contra todos de sua família.

Eu tinha dezenove anos, ele era mais novo e mais inteligente. Eu colocaria meu coração para queimar no sol se isso o salvasse. Draco arrancaria meu coração e o guardaria junto a si enquanto me via morrer, se soubesse que isso o salvaria.

O ponto é que eu estava disposto a me sacrificar por ele, e ele estava disposto a me sacrificar por ele mesmo.

Fui tolo em confiar nele, e ele foi esperto em me usar da maneira que quisesse.

Capítulo nove.

Já se passaram anos, talvez dias, mas ainda estou aqui. As correntes já não doem mais, tornaram-se parte do meu cotidiano. Meu cabelo cresceu e estou ainda mais magro, uma vergonha para minha família.

Depois de ignorar as cartas dos meus pais, decidi escrever para eles em uma tarde. Como mencionei antes, não contei nada sobre a falta de magia de Draco. Escrevi dizendo que estava quase lá.

Esperei o anoitecer para subir pela varanda até o quarto de Draco. Seus olhos verdes deixaram o livro de lado ao me ver, e seu sorriso parecia iluminar o mundo.

Eu era jovem, tolo e estava - ainda estou - apaixonado.

Cometi o erro de contar a ele o verdadeiro motivo de estar ali. Praticamente entreguei a ele uma faca para que me acertasse pelas costas. Mas, para minha surpresa, não foi isso que ele fez. Draco gostava de atingir as pessoas de frente, para que vissem quem as estava machucando, e ele pudesse saborear seu sofrimento. E foi isso que ele fez comigo, atingiu meu coração.

"Tenho algo para te contar", eu disse, sentando-me em sua cama enquanto ele segurava minhas mãos nas suas.

"Eu também tenho algo para te contar!" Ele estava animado, e mais uma vez eu fui tolo o suficiente para acreditar que aquele era o momento perfeito. "Acho que encontrei um feitiço que vai trazer toda a minha magia de volta, quebrando qualquer amarra que me prende." Ele havia me escondido algo importante. Draco sempre escondia os detalhes que considerava importantes demais para me contar.

"Não vim aqui para fazer acordos", suas mãos soltaram as minhas. "Vim descobrir o motivo pelo qual você foi deserdado." Eu tinha todas as informações em minhas mãos, mas mesmo assim abandonei tudo para segurar as mãos de Draco. Se soubesse o que aconteceria, quem seria afetado, nunca teria feito

isso. Teria entregado Draco Cliford ao parlamento, pediria que o queimassem vivo, e eu assistiria a isso.

"O quê?" Ele se levantou. "Você contou a alguém? Está aqui apenas para me iludir e depois contar a todos o quão inútil eu sou?"

"Não, não é isso. Não contei a ninguém sobre você e sua magia. Estou te contando isso porque... porque..." Oh, pobre menino, como eu queria mudar meu passado, você entende isso, não é?

"Você pode ser morto por isso, não sabe?" Havia frieza em sua voz.

"Eu sei que posso, mas você também pode. Acha que não queimariam você por falta de magia?"

"Eu sou um Cliford."

"Eu sou um Blossom!"

"Sua família não está nem perto da minha. Se quisermos, vocês seriam exilados", coloquei em minha cabeça que ele não era ruim, que aquilo era apenas uma fachada, que ele estava na defensiva.

"Você até pode ser um Cliford, mas ainda assim, há muitos contra vocês. Eles fariam qualquer coisa para descobrir seu segredo!"

"Não me ameace."

"Não estou ameaçando. Eu te amo, por isso não contei a ninguém. Nunca entregaria você", me aproximei e ele permitiu. "Faria qualquer coisa para te salvar, arrancaria meu coração aqui e agora, se isso trouxesse sua magia de volta."

"É bom saber disso", ele segurou meu rosto em suas mãos. "Mas eu também farei o máximo para te proteger. Vou trazer minha magia de volta e acabar com todos que nos colocarem em perigo." Ele me guiou até a varanda. "Agora vá, preciso dormir."

As coisas sempre foram assim. Ele era o sol e eu girava ao seu redor. Não havia contradição. Sua palavra era a decisão final.

Ele odiava isso, odiava ouvir isso, odiava quando as pessoas diziam isso para ele. Mas, apesar de sua semelhança com sua mãe, sua personalidade e ações eram iguais às de seu pai.

A diferença era que, para Frederico, a família vinha em primeiro lugar. Para Draco, ele mesmo vinha em primeiro lugar, e apenas ele.

Capítulo dez.

Recordo-me de uma jovem que estava detida aqui comigo. Seus cabelos eram ruivos, seus olhos negros, o rosto fino e o nariz arrebitado. Desconheço o seu destino - desconheço o meu próprio destino - mas espero que esteja bem.

Passaram-se duas semanas desde que vi Draco pela última vez. Ele saiu em uma caçada com seu pai, seu irmão gêmeo. Fiquei apenas com as moças durante esse tempo e me aproximei mais de Agnes. Tomávamos chá juntos. Ela sempre usava vestidos com decotes cavados, porém mantendo a decência. Não posso negar, ela era uma moça bela e sedutora.

Agnes possuía um vasto conhecimento sobre vinhos e sua magia era exuberante. Seus dedos acendiam chamas sem esforço algum. Ela fumava, mas não exalava o amargo cheiro do cigarro.

Seus olhos azuis carregavam segredos e más intenções. Ela era astuta e gananciosa, sabia o que queria e como obtê-lo. Confessei a ela sobre minha paixão por seu irmão.

Ela deixou a xícara na mesa e me fitou por um breve instante. "Draco é extremamente instável", disse ela. "Amo todos os meus irmãos, mas não sei se Draco está pronto para ter alguém ao seu lado. Ele ainda precisa se conhecer melhor e definir sua posição na hierarquia." Deveria tê-la ouvido.

"Ele sabe muito bem o seu lugar na hierarquia, o lugar no qual vocês o colocaram", respondi defensivamente, e ela sorriu.

"Em breve você descobrirá que Draco não é um menino inocente. Você é mais perspicaz do que isso", foram nossas últimas palavras. Ela nunca mais voltou para as nossas tardes de chá.

Draco retornou ainda mais exausto do que de costume. Dormiu por dez horas seguidas e não percebeu quando Oliver me entregou o livro enviado pelos Logdes. Passei a tarde inteira lendo-o. Havia um feitiço de quebra de laço, mas exigia algo poderoso. A alma deveria ser obscura, algo que feiticeiros não possuem, mas bruxos sim. Oliver garantiu que cuidaria disso para que eu não me preocupasse.

Minha querida, permanecemos no mesmo lugar, mas você se salvou. Tenho certeza disso.

Capítulo onze.

Há algo na dor que se assemelha ao amor.

Apesar de não gostar de Oliver, ele foi muito útil. Três dias depois de dizer que resolveria tudo, Draco veio ao meu quarto usando uma camisa vermelha de seda com os três primeiros botões abertos.

Ele me disse para preparar tudo, pois iríamos com Oliver até uma cabana dos Cliford's, onde encontraríamos uma bruxa que quebraria o laço. Ele estava eufórico, cantarolando e me puxando para dançar. Ele estava feliz, e eu estava feliz em vê-lo feliz. Compartilhamos a mesma cama naquela noite, mas não fizemos nada além de dormir.

Partimos pela manhã em direção à cabana, localizada no sul e isolada da civilização em meio a uma mata. Encontramos uma bruxa excepcional, seus feitiços eram tão fortes quanto os meus.

Ela tinha cabelos ruivos, rosto fino, nariz arrebitado e lábios avermelhados pelo batom que usava. Vestia um vestido preto de veludo com um decote em V bem cavado e um colar com uma pedra roxa.

"Juntos, Blossom e Cliford", ela disse ao nos ver descendo do carro. "O mundo vai explodir", ela ironizou e Oliver riu.

Ele tinha um apreço por ela, sabia que apesar de sua magia poderosa, ela nunca entraria no livro mágico, o que o entristecia.

"Esta é Brita Morgerá", Oliver disse, e os dentes perfeitos da garota se mostraram. "Filha de alguém que um dia foi o amor da minha vida."

"Não temos tempo para conversar", Draco disse, olhando para o céu. "Quero saber se você tem magia suficiente para o feitiço."

"Posso garantir que tenho muito mais do que você já teve em toda a sua vida", eu gostava de sua ousadia. Ela nunca se importou com sobrenomes ou feitiços, ela sempre quis ser livre.

"Assim espero", ele disse.

Ele passou por ela e entrou na cabana.

Capítulo doze.

Talvez nosso maior erro seja amar, pois amamos tanto que acabamos feridos.

Esperamos até que a lua estivesse presente no meio do céu. Brita traçou um círculo mágico e me ordenou que o envolvesse com magia.

Draco estava apenas de calça, enquanto Brita usava calças e uma camiseta. Seus dedos finos, com unhas longas, se posicionaram ao lado da cabeça de Draco.

Ela murmurou algum feitiço desconhecido e tudo ficou confuso e turvo. Eu sabia que ela estava adentrando a mente dele. Um vendaval nos atingiu, árvores caíram enquanto a ruiva gritava palavras desconhecidas. Minha magia fluía através do círculo, sabendo que ficaria exausto assim que tudo terminasse. Levei três dias para que minha magia se recuperasse.

As pupilas negras de Brita finalmente desapareceram e as íris de Draco foram dominadas por uma cor escura. Ela finalmente estava dentro da mente dele.

Raios caíram do céu e ambos caíram desacordados no chão. Tinha acontecido: as veias de Draco estavam tomadas por sua própria magia, escuras. A magia de Draco não era a de um feiticeiro, ele era um bruxo. Abandonei a borda do círculo e corri para tocá-lo, mas sua magia se manifestou em forma de proteção e fui arremessado a quinze quilômetros de distância dele.

Passaram-se dois dias e Draco ainda não havia acordado. Brita estava se preparando para partir quando eu disse: "Ratinho, pare na toca, o queijo não é seu". Suas pernas ficaram paralisadas, incapazes de se mover para frente ou para trás.

"O que você está fazendo?", ela perguntou.

"O que aconteceu com ele? Sua mente está confusa e ele não acorda", eu estava realmente preocupado com ele.

"Ele acordará em breve. Sua magia ficou adormecida por muito tempo", ela olhou rapidamente para Oliver, que dormia no sofá. "Eu não conheço nenhum de vocês

além do Oliver, mas consigo ver em seu olhar o quão bom você é. Fuja antes que ele acorde", eu deveria ter ouvido ela.

"Sua magia não tem nenhuma clareza. O laço que prendia sua magia não era natural. Alguém o amarrou ali. Feiticeiros não perdem sua magia, ela não se dilui nem diminui", ela quebrou meu feitiço.

"Você é inteligente. Fuja enquanto há tempo. Eu gostaria de levar o Oliver comigo, mas sei que ele não virá. Eu prendi a mente dele em um lugar seguro", meus olhos se arregalaram.

"O feitiço não durará muito por causa da magia dele, mas vou reforçá-lo quando chegar a um lugar seguro. Se você for realmente esperto, seguirá meus passos".

Eu ergui minha varinha, pronta para arrancar seu coração, mas ela desapareceu em meio a uma fumaça. Apesar de ela não querer, nós nos encontraríamos novamente, em lados opostos, mas ela estaria no caminho certo. Foi ela quem pôs um fim nisso, pois ela era mais inteligente do que eu.

Por isso, ela não ficou detida aqui junto a mim. Ela lutou até o máximo de suas forças para não morrer sem sua magia, como eu irei.

Eu gostaria de expressar que todas as circunstâncias pelas quais passei não foram exclusivamente culpa de Draco. Eu tomei a decisão consciente de ficar ao seu lado e enfrentar as consequências. No entanto, quando a situação se tornou insustentável, eu desejei retroceder e desistir. Infelizmente, Draco era ganancioso e buscava ter poder sobre todos, e foi nesse momento em que eu cometi meu erro. Deveria ter me retirado e partido enquanto ainda havia tempo, mas permaneci ao seu lado.

Em breve:

A magia de Draco ressurgiu e, mais do que nunca, Gusta está ao seu lado. Embora Cliford tenha realizado algumas ações questionáveis, o parlamento mágico não deixou passar despercebido. Agora, Draco está sob a mira do Grande Mago. Até onde o amor pode nos levar?

